

O QUE FAMILIARES DE SURDOS TÊM A DIZER SOBRE UM ATENDIMENTO EDUCACIONAL BILÍNGÜE.

Juliana Cardoso de Melo Rocha¹

Tárcia Regina da Silveira Dias²

A família assume um papel significativo no desenvolvimento da criança, principalmente da criança surda, pois é ela uma das instâncias responsáveis para suprir, por meio do diálogo contextualizado, a falta de informações a que os surdos estão sujeitos (Goldfeld, 1997).

Estudos relativos à influência da família sobre o processo educacional de crianças surdas e ao notório prejuízo no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dessas crianças decorrentes do atraso da linguagem indicam a importância de se realizar intervenções educacionais junto às famílias dos surdos (Dias et al., 1999; Lima, Maia e Distler, 1999; Hoffmeister, 1999).

Para evitar a instalação de um atraso de linguagem ou para minimizar as suas conseqüências, quando ele já estiver instalado, é necessário que os surdos sejam expostos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o mais cedo possível. Para que esse contato precoce aconteça devem ser criadas condições para que a família possa se comunicar com seu membro surdo, estabelecendo um intercâmbio mais fluente e efetivo entre pais ouvintes e filhos surdos.

Foi acreditando nisso que se organizou, em 1998, um atendimento a surdos e seus familiares na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) denominado "Atendimento Interdisciplinar ao Aluno Surdo". Tal serviço oferece aos surdos grupos de apropriação da LIBRAS e ensino do português na modalidade escrita e oral. Os familiares participam de grupos de ensino de LIBRAS e de apoio³.

Mediante a organização desse serviço e a escassez de pesquisas voltadas para essa proposta educacional, este estudo dispôs-se a conhecer o que familiares de surdos, individualmente, pensavam sobre o seu processo de atendimento em grupo, objetivando avaliação sistemática e eventuais reformulações desse serviço.

¹ Fonoaudióloga, Mestre em Educação Especial e Prof.^a. do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e Membro da Equipe de Coordenação do Projeto "Atendimento Interdisciplinar ao Aluno Surdo".

² Doutora em Psicologia, Docente da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Orientadora do Programa em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Coordenadora do PrSurdo".

³ Para maiores informações consultar Dias, Caporali & Pedroso, 2001a.

Método: Foram entrevistados 20 familiares ouvintes de surdos que freqüentaram grupos de apoio e de ensino de LIBRAS oferecidos pelo serviço “Atendimento Interdisciplinar ao Aluno Surdo”. Para realização das entrevistas utilizou-se um roteiro previamente estruturado que contemplava, entre outros, aspectos relacionados ao processo de aprendizagem dos sinais e ao processo grupal. As entrevistas foram todas transcritas na íntegra e suas respostas aglutinadas por questão. Esse material foi lido e relido e seus dados tabulados de acordo com os temas centrais. Dentro de cada tema foram identificados subtemas referentes aos elementos que pareceram mais significativos do processo educacional bilíngüe do familiar.

Apresentação dos dados e discussão: Os familiares freqüentavam as aulas de sinais, gostavam de tudo o que lhes era ensinado e aprender os sinais era o que consideravam mais interessante. Memorizar o vocabulário, pelo revelado, foi a maior dificuldade dessas pessoas. Sugeriram, visando aprimorar o método utilizado pelo instrutor surdo, o uso da fala, da escrita e do concreto como apoio nas aulas, o aumento do número de aulas por semana e a aprendizagem de sinais junto com seus filhos, demonstrando compreenderem a importância de adquirir uma língua de forma contextualizada durante a interação.

Em casa, os sinais eram utilizados para retomarem o que havia sido trabalhado com os filhos no atendimento, para conversarem sobre situações rotineiras e para explicarem *coisas* para os filhos. Os familiares ensinavam os sinais, principalmente, para o cônjuge e para os filhos ouvintes, revelando, apesar da dificuldade que possuíam, serem multiplicadores da língua e da cultura surdas na família e na sociedade.

No que se refere ao grupo de apoio, todos os familiares participavam e sentiam-se à vontade para exporem seus sentimentos. Identificaram-se como familiares de surdos e a troca de experiências e a oportunidade de desabafo eram as grandes contribuições dos encontros.

A fim de melhorar o desenvolvimento desses grupos sugeriram: aumentar o tempo de duração, utilizar mais depoimentos de familiares e diversificar mais os assuntos nas discussões. Adicionalmente, propuseram a implementação de um atendimento psicológico individual para os familiares que necessitassem de tal ajuda.

A vivência no grupo contribuiu para o aprendizado sobre o modo de viver dos surdos, favorecendo o processo de aceitação da surdez e o reconhecimento da importância da língua de sinais para a educação dos surdos, além de ter ajudado na solução de problemas particulares de alguns familiares. O grupo também corroborou para a união das famílias.

Com a participação nos atendimentos, os familiares notaram-se mais compreensivos e pacientes para se relacionarem com os filhos, mostrando que apesar do grupo ter uma proposta educacional, e não terapêutica, provocou mudanças emocionais em seus integrantes.

Principais conclusões: Ouvir os familiares foi válido porque são poucos os atendimentos para famílias de surdos numa abordagem bilíngüe em nosso país

e, também, porque permitiu perceber mudanças profundas na concepção dos participantes acerca do significado da surdez e da pessoa surda.

Outro ponto relevante foi a identificação entre os familiares e o quão positivo foi para eles a troca de experiências, principalmente para a aceitação da surdez e da língua de sinais.

Este estudo mostrou que é viável implementar trabalhos com familiares de surdos e o quanto eles podem beneficiar toda a família. Além disso, se configurou como um apoio aos coordenadores do serviço da UNAERP, na medida em que apontou críticas e sugestões ao serviço, possibilitando à equipe de coordenação rever suas posturas e redimensionar o atendimento de acordo com as expectativas de seus usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DIAS, T.R.S.; MANTELATTO, S.A.C.; DEL PRETTE, A.; PEDROSO, C.C.A.; GONÇALVES, T. C. & MAGALHÃES, R.C. (1999). A surdez na dinâmica familiar: estudo de uma população específica. Espaço, 11. 29-36.
- DIAS, T.R.S.; CAPORALI, S.A. & PEDROSO, C.C.A. (2001a). Atendimento bilíngüe aos surdos: apresentando um serviço (Resumo). Em Universidade de Ribeirão Preto (Org.), Anais da II Jornada de Fonoaudiologia Universidade de Ribeirão Preto (p.16). UNAERP, Ribeirão Preto.
- GOLDFELD, M. (1997). A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus.
- HOFFMEISTER, R. (1999). Famílias, Crianças Surdas, O Mundo Dos Surdos E Os Profissionais de Audiologia. Em C. SKLIAR (Org.), Atualidades da Educação Bilíngüe para Surdos (pp. 113 – 130). Porto Alegre: Mediação.
- LIMA, R. P., MAIA, R. & DISTLER, S.D. (1999). Reflexão sobre um trabalho com famílias. Espaço, 11, 37-39.

